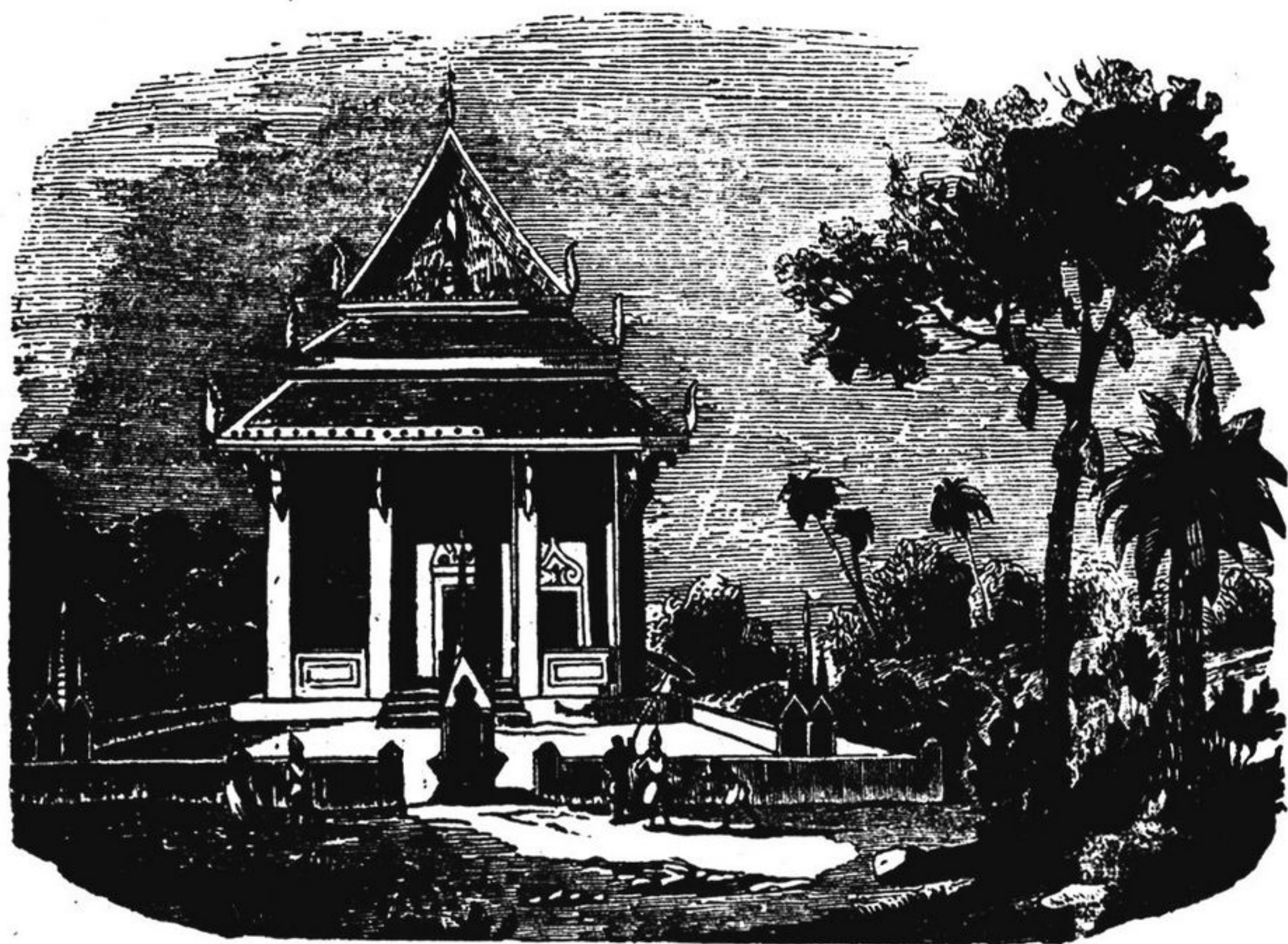




SIAM — TEMPLO DE BANCOCK.

O reino de Siam, na India transgangeica, confina a leste com o reino de Anam, ao sul com a península de Malaca, e o golfo de Siam, a oeste com o imperio birman, e ao norte com este mesmo imperio e com a China. Avalia-se a sua população em dous milhões e outocentos mil habitantes.

Fórma o reino de Siam um immenso valle, emmolurado por altas montanhas, e regado pelo rio Meinam, que o atravessa em todo o comprimento, e é navegavel em todas as epochas do anno desde Sia-Thya até ao mar.

A configuração do territorio siamez apresenta muita analogia com a do Egypto; e tão grande é ella que até o Meinam tambem sãe periodicamente do seu leito, alagando e fertilisando as terras, como o Nilo.

O nome de Siam foi posto a este paiz pelos portuguezes, que o tomaram talvez da lingua do Pegú, na qual significa *livre, independente*: os indigenas chamam-lhe *Thaí*.

A residencia actual do rei é Bancock, cidade de noventa mil habitantes.

Os antigos exageraram muito a grandeza e magnificencia dos templos e outras construcções monumentaes dos siamezes: para prova d'esta verdade damos na gravura a vista do templo ou pagode de Bancock, que é aliás dos mais ricos, que hoje ali existem.

Em outros tempos tivemos frequentes relações politicas e de commercio com o reino de Siam; hoje apenas ali conservamos, se é que ainda não foi supprimido, um consul geral, que é mui sufficiente

para a manutenção e defeza dos insignificantes interesses que nos ligam áquelle remoto paiz.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO VERDE.

O passa-pau: não haverá meio de o acabar? — Um pacto iniquo. — O colloquio. — Dous encontros. — É bom prever o futuro. — Uma sangria entre os papeis. — A anciedade e as dores. — Os knockings africanos, ou uma scena de magnetismo. — A predicação.

Os dias seguiram-se a outros dias, as semanas correram apoz de outras semanas, e nem uma palavra sobre aquella ausencia. Ondotó guardava o silencio, e Kiangi não se atrevia a provocar o seu rompimento. E comtudo nênhum constrangimento se notava em ambos; as suas relações, os seus extremos, aquelle amor de outros tempos, era tudo o mesmo. Poderia comtudo notar-se que Ondotó não se atrevia a afastar-se da cabana, e se alguma vez saía d'ella não passava além do alcance da voz de Kiangi; ao passo que esta não podia saír, porque o estado de Ondotó causava-lhe serios cuidados.

Mas por fim foi necessario a Ondotó vir á feira. Algumas das provisões estavam a acabar, e era indispensavel renovar-as; tambem se tornava urgente fazer valer muitas das produções que se tinham accumulado na cabana, e que estavam por uma parte sendo valores mortos, e por outra parte sujeitas a

DEZEMBRO 29, 1855.

damnificação: e como o estado de saúde de Kiangi não lhe permitia fazer grandes caminhadas, nem conduzir grandes trouxas, foi Ondotó quem se encarregou d'isso.

Safu este; foi á feira vender e comprar. Já na volta encontrou Kadé, ainda mal convalescente, que lhe contou os barbaros tratamentos que Pimping lhe tinha feito soffrer; contou que Valerio tambem se tinha portado cruelmente com ella, e deixou perceber que não entraria por pouco em tão duro proceder o despeito d'aquelle por lhe preferir um papel, e o ciúme d'este por ella ter desprezado a côrte que por vezes quizera fazer-lhe; mas vendo com que calor tomava Ondotó a defeza de Valerio, conheceu logo, como esperta que era, que havia alguma traição de que Ondotó seria victima cedo ou tarde, mas que n'aquella occasião quanto dissesse contra elle seria trabalho perdido; ou se desse algum resultado, este não podia deixar de ser-lhe desfavoravel a ella, e por isso prudentemente mudou de bateria.

O estado em que ainda se achava, a narração apaixonada que fez do muito que soffrêra, algumas palavras habilmente introduzidas, parecendo que sem intenção, e por uma consequencia natural do facto que serviu de origem ou de pretexto aos indignos tratamentos de que foi victima, sobre os tão profundos sentimentos que Ondotó lhe tinha a ella inspirado, e que em seu coração a elevaram tanto acima do que era, que até se envergonhava de sua vida passada; algumas lagrimas, já naturaes, outras artificialmente vertidas, e uns certos movimentos de olhos, aqui está a sua defeza, que digo eu? o mais eloquente panegyrico que ella podia produzir em seu favor, e a mais terrivel accusação contra Pimping.

É desnecessario dizer que a velhaca balanta, dizendo muita cousa, e até que ainda conservava relações em casa de Pimping, não deu uma palavra sequer que facilitasse a Ondotó a occasião, já não digo de saber, mas nem ao menos de suspeitar que esta indigna e artificiosa mulher tinha sido o instrumento d'uma traição planeada entre Pimping e Valerio. Envergonhava-se da parte que n'ella tivera, ou era isso o resultado de um systema traçado com vistas futuras? Talvez entrasse de tudo um pouco. O resultado d'esta narração melhor o fará conhecer.

Kadé n'esta occasião declarou que estava resolvinda a sair de Bissau; que não podia comsigo ficar na mesma terra em que a tinham conhecido impura depois do acontecimento que a rehabilitára a seus olhos, ao mesmo tempo que os tormentos que por elle soffrêra lhe haviam tambem apagado com o seu proprio sangue as manchas que o seu commercio com Pimping lhe tinha communicado. Tambem não faltam na Europa Kadés brancas cuja linguagem sabe colorir com as tintas do romance as paixões mais torpes, dando-lhes o brilho que só á virtude pertence, mas que esta nem sempre sabe, ou quer tomar.

Ondotó despediu-se d'ella com pena e ao mesmo tempo com odio. A lembrança do que esta mulher soffrêra por sua causa, ao mesmo tempo que o inclinava á piedade por ella, ateava mais e mais os fogos da vingança que lhe ardiam no coração. Eu não sei se elle ficou tendo algum affecto a Kadé depois da sua queda; não sei se d'este entretenimento lhe nasceu, ou se as imagens que tão naturalmente este acontecimento lhe havia de trazer á imaginação fizeram nascer algum outro sentimento, que actuou sobre o que já tinha por Pimping; o que é verdade é que o seu odio parecia ter chegado ao maior auge.

O papel sentou-se n'um tronco de arvore que ja-

zia por terra, poz ao pé de si as suas compras, e entrou a meditar na conversação que tinha tido com Kadé; pensamentos de diversas naturezas, já lugubres, já ternos, já de côr de sangue lhe passavam pela mente ou alternada, ou confusamente; e passados poucos minutos já de Ondotó não havia ali se não o corpo, cujos olhos não viam, cuja bôca não fallava, cujos ouvidos não ouviam: a sensação, só esta lhe tinha ficado para denotar que ainda vivia o que parecia cadaver.

De repente sentiu tocarem-lhe de leve no hombro, voltou-se machinalmente, e como se o mordesse algum reptil venenoso, porque o corpo se lhe arripiou todo; e eis que vê o rosto cobreado do grumete, que lhe sorria:

—Que é isto Ondotó? cuidei que estavas morto quando vi que não respondias, nem aos gritos com que te chamava de longe, nem ás perguntas que te fiz aqui ao pé umas poucas de vezes. Não soffres nada?

—Nada. Ou antes soffro horivelmente. Vi Kadé; que barbaridades soffreu a pobre desgraçada por amor de mim? Oh! decididamente este Pimping é um monstro.

—E Kadé não te disse nada a meu respeito?

—Que te mostraste igualmente enraivecido contra ella. Coitada, não viu o que tu fizeste por nós para nos arrancar das garras d'aquella fera! Pobre Valerio, tu não podias fazer mais do que fizeste. Oh! como tu havias de soffrer por não poderes oppor-te ás cruezas d'aquelle desalmado! mas eu contei tudo a Kadé, disse-lhe quanto nós te deviamos...

—E ella?...

—Ficou convencida do que lhe disse, e mudou de idéas a teu respeito.

Valerio alegrou-se, e deixou-o perceber. Aqui não havia razão para occultar o jubilo que sentia visto, que a sua verdadeira causa não era a que parecia, com quanto pudesse mui facilmente com ella confundir-se. A dissimulação n'este caso seria inepta; e Valerio era um bom typo de homem politico. Se elle tivesse nascido 10 ou 20 annos mais tarde como seria aproveitavel!

—Mas não me perguntas nada de teus negocios? Parece que não é nada contigo isso que se passou?

—Ah! é verdade; quasi que nem já me lembrava...

E Ondotó assentou-se, ou antes caiu sobre o tronco de que se tinha erguido para fallar a Valerio; as pernas tremiam-lhe, o coração palpitava-lhe violentamente sobre a pressão d'uma ancia que parecia estrangulal-o, e como uma nevoa obscurecia-lhe a vista.

Valerio contou-lhe que se tinha esforçado muito por lhe fazer obter as condições mais vantajosas, mas que todos os seus esforços se tinham quebrado diante da vontade inflexivel, e do odio implacavel de Pimping, que recorria sempre aos meios mais extremos; e que fôra com muito custo, e só guiado pela amizade que tinha pelo seu joven interlocutor, e pela pena que lhe causava que uma *ligeira* falta, commettida sem reflexão (Valerio insistiu com alguma affectação n'estas palavras) fosse punida com tamanha dureza, com a perda da liberdade, e dos brilhantes destinos a que o seu amigo brevemente ia ser chamado, que accedêra á convenção pactuada entre elles, e que posto fosse muito dura, ainda assim era muito mais suave, do que o que Pimping exigira, e tinha direito a exigir. E expoz-lhe quaes eram as condições.

Mal Ondotó as ouviu, saltou de repente, furioso como a onça que se vê ferida por mão de inhabil caçador, e arremette contra elle; tão impetuoso foi este movimento, era tal a raiva que lhe brilhava nos olhos que Valerio não pôde deixar de assustar-se, e recuou dous ou tres passos, como para se livrar dos resultados do primeiro impeto.

— Meu filho escravo!... ainda a pobre creatura não saíu das entranhas maternas, ainda não viu a luz, e já especulam com elle... Oh! não, é impossivel. Eu seria mais vil do que a terra que pizo, mais vil ainda do que esse *ingrez* maldito, se acceitasse uma condição tão infame. Oh Valerio, Valerio! como acceitaste isso, como julgaste de mim tão mal? Que tens visto em mim para me julgares capaz de semelhante baixeza?

— A condição é dura, fui eu o primeiro a reconhecer-o; é iniqua, bem o sei, mas eu não tinha escolha senão entre dous males, e força me foi escolher o menor.

— O menor! dizes tu? o menor! meu filho escravo, e escravo porque eu o entreguei ainda no seio de sua mãe!... Porque não me deixaste á minha sorte? Aqui estou, leva-me a esse homem sem coração: quero ser seu escravo, mas meu filho, nunca!

— Teu filho nunca. Foi isso mesmo que pensei. Tu podes arranjar primeiro uma carregação d'escravos; se essa falhar, ainda tens o meio de o livrar dando duas...

— De vassallos meus! Também não.

— De vassallos teus, ou de outrem, arrançados por elles: as cousas não se tomam assim á letra. Ora, as probabilidades são muitas para que teu filho escape. E depois d'aqui até que elle chegue á idade de convir a Pimping pôde haver muitos successos que te exonerem; o *ingrez* pôde morrer, podes herdar o reino, e então nem Pimping pôde exigir o teu filho, nem a praça te ha de fazer guerra só para tu tirar, e dal-o áquelles snr...

— Tens razão. Não ha forças humanas que me obriquem a escravizar meu filho.

— Então agora já te não queixas de mim?

— E nunca me queixei de ti. Pareceu-me que não me tinhas feito justiça completa, mas sabia avaliar a tua posição, e lembrava-me que não eras pae, e não podias conhecer que thesouros de ternura encerra o coração de um pae... Mas dize-me uma cousa; foi Pimping que exigiu esta condição, ou foste tu que lh'a propuzeste?

— Eu! não. Pelo contrario fiz quanto pude para o dissuadir d'isso; mas quando vi que o malvado insistia em te considerar seu *captivo*, que fallava mesmo em te roubar Kiangi, e pôl-a entre o numero de suas mulheres...

— Oh Valerio? pois elle queria isso; chegou a dizer-t'o?

— Se não m'o dissesse, como podia eu adivinhal-o?! Se não teimasse que o havia de fazer, e eu não visse que era capaz de tudo, como podes suppor que eu, teu amigo, fosse acceitar uma condição tão infame? Eu não queria dizer tudo, parecia-me que bastava saberes que tive d'escolher o menor entre dous males: mas quizestel-o assim...

— E não me arrependo. Adeus, Valerio, já é tarde; ha muitas horas que estou longe de Kiangi, quero vel-a, tenho necessidade de a ver para me tranquillisar. Adeus.

E levando á bôca as pontas dos dedos da mão direita aberta, retirou-se a passos precipitados.

Valerio repetiu a mesma acção, e foi caminhando

em direcção opposta á que seguia Ondotó. O grumete fa dizendo comsigo: Alguma novidade havemos de ter, e ha de ser d'estrondo... Não me engana aquella impassibilidade tão repentina, como foi rapida a explosão do seu furor... Lá leva elle a azagaia atravessada no coração... é ferida que se não cura senão com sangue... é ferro que não se arranca sem curar primeiro a ferida... veremos o que sáe; mas ou eu me engano muito, ou não quero estar na pelle do sr. Pimping... E a mim que me importa? é um maroto de menos... Um maroto! um maroto, mas com quem tenho algumas transacções, e que é preciso acautelar...

Assim, ruminando comsigo estas idéas, fa Valerio caminho de casa, onde apenas entrou, dirigiu-se para uma banca de pinho d'America envernizada de preto, como as cadeiras que a cercavam, e tirando d'algibeira uma chave abriu a gaveta, e saccou de dentro um *cash-book*, um *invoice-book*, e um *day-book*, todos tres encadernados em carneira com sua capa de panninho côr de pulga por fora; puxou depois uma cadeira para o pé da banca, e sentou-se, e poz-se a escrever ora n'um, ora n'outro... guardou estes, e tirando de dentro o seu *waste book* poz-se também a escrever, gastando n'isto algumas horas. Em fim guardou-o também, fechou a gaveta, metten a chave na algibeira, e levantando-se disse: É bom prever o futuro; quem sabe o que pôde acontecer?

Mas em quanto Valerio dá tão evidentes provas de sua consummada *prudencia*, sigâmos Ondotó que fa-tomando o caminho da sua cabana, ao principio com passos ligeiros, e ao depois com elles tão vagarosos e demorados como se lhe pendessem dos pés duas grossas balas de ferro.

— Meus filhos escravos, ou Kiangi preza d'esse homem... que terrivel alternativa, a que nem a morte pôde eximir-me... A morte... e se fosse a d'elle?... O *ingrez* pôde morrer, e tu ficas livre, disse Valerio... Proferiste a sua sentença... Oh! sim, Pimping hade morrer... Se eu procurasse um dos nossos feiticeiros, a sua morte era certa... sim, mas eu não me vingava como um guerreiro... obrava como uma mulher, cuja mão desfallece ao descarregar do golpe... Uma mulher... ah! Kadé, banhada em sangue por amor de mim! meu filho arrastado captiveiro, minha mulher nos braços d'este homem... são affrontas que pedem sangue... Eu quero o sangue de Pimping...

E uma nuvem côr de sangue lhe offuscou a vista, e tingiu-lhe de sangue o caminho por onde marchava, as arvores que avistava ao longe, e que o acompanhavam por um e outro lado; de côr de sangue era o mar que se desdobrava á sua esquerda, as proprias cabanas que mal se descobriam pela distancia pareciam também tintas de sangue... deu-lhe uma vertigem, e caíu.

Alguns papeis que seguiam aquella direcção, e que o viram cair, tomaram-no em braços e o conduziram á cabana, onde Kiangi o esperava transida de susto, e agitada por cuidados pungentes. Que se affiguresse como ficaria a pobre preta vendo entrar seu marido em braços com a cabeça caída, a bôca cheia d'espuma, e os olhos semimortos, e vermelhos como sangue. Felizmente um dos pretos, que logo se destacou da multidão para ir buscar o feiticeiro, chegou com elle á cabana de Ondotó assim que este acabou d'entrar. Deitaram-no n'uma esteira, voltado sobre o lado direito, e em quanto os circumstantes lhe esfregavam com força os braços e as pernas, o feiticeiro applicou-lhe no cachaço uma ponta de gazella com

um pequeno orificio no alto, ao qual o feiticeiro applicou os labios, e foi chupando, chupando, chupando, até que, passado algum tempo, retirou a bôca, tapou o orificio com o dedo, e despejou na terra um grande bochecho de sangue; repetiu esta operação ainda por umas poucas de vezes, até que Ondotó deu alguns signaes de vida; e depois ainda lhe fez essa operação do outro lado do cachaço.

Então levaram-no na mesma esteira para um local mais agasalhado da cabana. O feiticeiro pisou umas ervas que se tinham ido colher em quanto elle sangrava o enfermo, deu-lhe o sumo a beber, e deitou-lhe o emplasto em roda do pescoço, ordenando que lhe puzessem pannos d'aguardente nas articulações que ligam o pé á perna, os quaes seriam molhados frequentemente com aguardente lançada por cima.

Dias depois Ondotó estava livre de perigo; mas quão outro do que tinha sido! E a pobre Kiangi quanto assim mesmo se alegrou de o ver, de lhe servir d'arrimo aos primeiros passos, tremulos e malseguros, que deu da esteira para a porta da cabana a sentar-se n'um escabello (1) afim de respirar a balsamica exalação da manhã, ou a tepida viração da tarde. Coitadinha, ella que tinha perdido noutes inteiras a velar-o, ella que tinha consultado todos os feiticeiros do logar, ella que tinha importunado com sacrificios a sua china, para conservar o esposo do seu coração, via-o agora ali, diante de si, podia faltar-se de revel-o, e não se fartava!

Se despregava os olhos dos olhos d'elle, era para os lançar sobre si, e parecia-lhe então que via dentro de suas entranhas o seu Ondotó em miniatura; via-o revolver-se, sorrir-lhe... oh! sim, sorrir-lhe, porque o sorriso tão meigo, tão expressivo de Ondotó fugira-lhe dos labios, e como que tinha ido habitar os da innocente creaturinha, que estava a ponto de nascer; via-o estender-lhe as mãosinhas para abraçá-la a ella, que já não recebia os abraços do esposo do seu coração... e então chorava lagrimas silenciosas, que participavam do prazer e da dor, porque dor e prazer se misturavam em sua alma, e a impeliavam para contrarios movimentos, como eram contrarias as sensações que lhe faziam experimentar. Explique quem puder estes mysterios do coração do homem, essa como luz intuitiva que lhe patenteia os segredos do futuro, envolto apenas n'um véu transparente como a cassa.

E Ondotó sempre triste, com os olhos fitos no chão, sempre mudo, apenas pedia o que precisava, e isso com a mesma doçura, mas tão triste que cortava os seios d'alma á joven esposa. O que lhe teria acontecido?

Assim se passaram os dias da convalescença, que foi lenta, e algumas vezes interrompida por accessos de melancolia. Apoz da convalescença, veio a saúde; mas que saúde? parecia mais uma nova phase da enfermidade que o tinha conduzido á beira do sepulchro: e era de certo, porque a sua doença era principalmente moral, era na alma e no coração que ella tinha o seu assento, era d'ali que saíam os insultos que lhe quebrantavam as forças, tiravam-lhe a vontade de comer, e a alegria, aquella alegria que o tinha tornado sempre tão amavel a todos os que o tratavam.

Passavam-se dias inteiros sem se lhe ouvir uma palavra: sentado no escabello com os braços cruza-

dos sobre os joelhos e a testa encostada ás mãos via-se que algumas vezes chorava; e se Kiangi, chegando-se a elle e passando-lhe a mão pela cabeça, parecia amimal-o como uma terna mãe a seu filho, que se mirra lentamente por um fogo occulto, elle erguia a cabeça, fitava n'ella olhos humedecidos de lagrimas, sorria-lhe com uma sorriso frio e gelado como a morte, e suspirava; outras vezes a puxava para si com ardor e ternura, mas logo depois a repellia com doçura, e tornava a cair na sua melancolia habitual. Notava-se porém que n'algumas noutes saía, tomava o caminho da mata, internava-se por ella; e só passadas algumas horas tornava a apparecer; mas então não era a ternura o que dominava n'elle, era um furor concentrado, que lhe brilhava sinistramente nos olhos. N'uma das vezes trouxe do bosque um garrafão empalhado, que vinha cheio de aguardente; collocou-o a um canto da cabana, e ordenou a Kiangi que não lhe tocasse, porque continha fogo liquido que os brancos d'Inglaterra e dos Estados Unidos iam vender aos pobres papeis para os matar, e que a mataria a ella.

— Mas então para que trazes tu esta bebida funesta, meu Ondotó?

— E sabes tu se eu me quero tambem matar?

— Ah Ondotó! e porque? que mal te fiz? porque me queres então deixar para ires para o paiz das sombras, e dos espiritos?...

E a pobresinha poz n'estas palavras tanta d'aquella eloquencia do coração, de que só as mulheres sabem o segredo, que Ondotó abriu-lhe enternecido os braços, e chorou com ella. Aproveitando este momento de ternas expansões, Kiangi pediu-lhe que dissesse o que o affligia, que não soffresse só, mas que repartisse com ella de sua dor, porque queria soffrer com elle.

Ondotó poz-lhe a mão na bôca, assim como para lhe recommendar o silencio, dizendo-lhe: Louquinha! nem tu sabes o que pedes. Se te eu dissesse uma parte sómente do meu segredo, d'este terrivel segredo, caírias morta redondamente a meus pés, como se o trovão te ferira. Não, o que aqui tenho (batendo no coração) hade morrer comigo. Disse, e foi deitar-se sobre a esteira, e não fallou mais: dormia, ou vagueava sua alma pelos mundos invisiveis?...

Kiangi, a pobre infeliz, já sabia o que eram maguas. Aquella existencia que tão risonha e esperançosa lhe apparecera antes de seu casamento, e ainda tanto tempo depois d'elle, e que tão felizes dias lhe havia promettido; o que era feito d'ella? esvaecera-se como a neblina da manhã, e só lhe deixava dores e lagrimas, e que lagrimas, que dores! Um mal, um grande mal a atormentava, e não sabia qual era; este mysterio tornava essa causa occulta ainda mais medonha a seus olhos. Parecia-lhe que já não havia nada que fosse a isto superior; e comtudo ella ainda estava só no principio dos seus soffrimentos.

N'uma noute mandou Kiangi que fossem espreitar Ondotó n'uma de suas excursões ao bosque. O mensageiro era fiel, e mais do que isso era intelligente. O que viu elle! Uma sombra que se deslisava por entre as arvores, como o fantasma da noute, conversava com Ondotó, que lhe dizia palavras mysteriosas, que se não podiam entender, e a que Ondotó respondia com ar grave, e tremulo (assim pareceu ao emissario) e melancolico, e de braços cruzados, mas com iguaes palavras.

A sombra era Kadé: a lingua em que se explicavam era um mau inglez, mas Kiangi e o emissario ficaram persuadidos que Ondotó fallava com algum

(1) Não sei mais o nome que tem. É um toro de madeira, cortado em toda a circumferencia da arvore, com pouco mais de um palmo.

espírito mau, que o tinha enfeitado para chupar-lhe o sangue.

A pobresinha não duvida que o seu querido tem feitiços; teme-se de o ver morrer; e eis-a que marcha a consultar os feiticeiros de Bandim para saber d'elles que mau espírito se apossou de seu marido, como poderá livrar-se de seus ataques; e o que o futuro lhes prepara.

A noute era escura quando Kiangi saiu da cabana. As estrellas marchetavam o azul escuro do céu, como outras tantas lantijoulas de prata bordadas sobre uma manta de setim azulado, e lançavam á terra como umas claridades confusas, que se perdiam pouco acima dos topos das palmeiras, que balouçavam mollemente seus leques de verde carregado, que agora se diria preto, como se fossem os multiplos braços d'uma divindade indiana para agarrarem a cabeça de algum de seus estúpidos adoradores. A folhagem dos peilões açoutada pela brisa enfraquecida murmurava queixas como quem já tem de gemer a voz quasi extincta; e Kiangi tremia de medo, apertando o panno em roda da cabeça para cobrir o rosto a fim de não ver, parecia-lhe que assim não seria também apercebida pelos maus espiritos que perseguiam a sua familia.

Felizmente a meio caminho, viu que o céu se revestia de cores mais brilhantes, como se a noute lançasse por cima de si um vestido de palheta de ouro transparente para abrilhantar o azul que trajava: Kiangi olhou para o nascente como se quizesse agradecer á lua o ter vindo com a sua luz benéfica alumiar os seus passos; mas qual foi o terror de que ficou possuída, quando viu que a lua parecia uma grande mancha de sangue que caíra no manto da noute?... Se se tratasse só de si, teria recuado, e não ousaria aventurar-se mais, tanto era de mau agouro tudo quanto estava vendo; mas a lembrança de que o seu Ondotó podia correr perigos que a sua ternura talvez que conseguisse afastar, deu-lhe mais algum valor. Seguiu pois com passo mais firme, e com tanta velocidade, quanta lhe permittia a sua gravidez já muito adiantada.

Seguiam-na duas mulheres, suas escravas no nome, mas realmente suas companheiras, que o amor de Ondotó lhe tinha dado para a servirem, e que a sua bondade tinha recebido como amigas e protegidas. Eram ellas que levavam o cabrito branco e os dous gallos pretos que se haviam de offerecer ao Hiram.

Chegaram finalmente ao bosque sagrado. No meio de uma clareira via-se uma pedra branca, grosseiramente faceada por a parte superior, e que por os lados estava completamente bruta e cheia de irregularidades, onde se tinha coalhado em camadas sobrepostas umas ás outras o sangue das victimas, o que dava a este altar informe um aspecto lugubre e repugnante. Sobre a face superior via-se um toro de madeira de bons dous palmos de alto: era o *fetiché* do lugar, e collocado em cima um immenso calmon, ou cuia com agua. No chão, ao pé do altar, um machete, onde se espelhava um raio da lua, que indiscreto vinha espreitar por entre a folhagem esta scena estranha.

Apenas os feiticeiros viram Kiangi, deram-se as mãos uns aos outros, e formaram um circulo dentro do qual ficou a consultante, e um outro feiticeiro, o mais idoso e como o principal d'elles. Foi este que recebeu os presentes para o Hiram das mãos das criadas que ficaram de fóra do circulo. Kiangi sentou-se no chão, puxou o panno da cabeça para dian-

te do rosto até meio ventre, fincou os cotovellos nos joelhos, e encostou a cabeça nas mãos abertas, chorando sobre o que sabia, chorando sobre o que lhe presagiava esse coração d'esposa e de mãe, e chorando sobre a sua felicidade já morta.

Os feiticeiros assim em cadeia fizeram uma ronda, ao principio pausada, depois mais veloz, depois velocissima, a começar por o lado direito, e que depois se desfazia por o lado esquerdo; sendo os tempos, tanto na volta como na revolta, marcados por uma pancada unisona dada por todos, batendo no chão com o pé do lado opposto áquelle por onde começava, ou se desfazia a ronda.

No entretanto o feiticeiro maior estendia as mãos sobre a offerenda, e murmurava algumas imprecações; e segurando um dos gallos entre as pernas, tomando o machete, cortou-lhe a cabeça cercea, e deixou cair o gallo: este caiu em pé, deu duas voltas, começando por o lado esquerdo, como se estivesse atordado, e estendendo-se no chão, depois de uma ligeira convulsão, ficou sem movimento. Então o feiticeiro levantou-o pelas pernas, e aspergiu com o sangue que lhe corria da ferida, tanto o cabrito branco, como o outro gallo preto que ficava vivo: e com a cabeça foi untar exteriormente a borda do calmon, recitando sempre umas palavras em voz tão sumida, que não se lhe percebia nada.

E a ronda a andar, e a desandar assim que se ouvia o som surdo que denotava o fim da volta!

O feiticeiro mór tomou o gallo morto, cortou-o em quatro partes, cada uma das quaes collocou n'um dos quatro pontos cardeaes, a começar d'aquelle d'onde apparecia a lua.

E a ronda a andar e a desandar, marcando-se os tempos com aquelle som sinistro, surdo e prolongado em que já fallamos.

Então parou a dança funebre. Quatro feiticeiros adiantaram-se para o que tinha feito o sacrificio, e os outros sentaram-se no chão em circulo, e com as mãos nas mãos uns dos outros; e os cinco aproximaram-se do calmon, cruzaram os braços pondo as mãos encontradas sobre a borda da vasilha, de modo que o dedo minimo da mão esquerda de um ficasse sotoposto ao dedo pollegar da mão direita de um dos vizinhos, e o dedo pollegar da mão direita ficasse sobreposto ao dedo minimo da mão esquerda de outro. Assim as dez mãos formavam uma cadeia viva e continuada que cobria inteiramente a borda do calmon.

N'esta attitudo permaneceram mudos por um espaço de tempo como de quinze minutos; e era tal o silencio que quasi nem se ouvia a respiração de tantas pessoas, como as que ali se achavam.

Passado este tempo, ouviu-se um zumbido quasi como de uma mosca varejeira esvoaçando ao longe. O calmon fez duas ou tres ondulações, como uma embarcação que arfa, desfraldando as velas ao vento, e parece cumprimentar o oceano antes de o cortar com sua rapida quilha. N'este momento os feiticeiros retiraram todos as mãos, e a vasilha andou volteando com o mesmo zumbido, já mais distincto, tendo porém começado o circulo a percorrer por o lado esquerdo. Os quatro feiticeiros puzeram-se de joelhos e sentados nos calcanhares, mas segurando-se pelas mãos como os outros, em quanto o sacrificador, com o rosto voltado para a lua, os olhos fixos no interior do calmon, e os braços cruzados, movia os beiços como se os agitasse um tremor nervoso.

De repente levantou a voz, e n'uma cantoria rouquenha e monotona, exclamou:

Lá do norte um bicho hirsuto
 Q'entre as neves se gerou,
 D'estas matas viu o susto,
 E d'ellas s'enamorou:
 Feroz onça e urso astuto
 Enlace torpe ajuntou...
 Foge d'ahi
 Ó Kiangi...
 E dos humanos o luto
 Entre ambos se pactuou.

Os demais feiticeiros responderam todos, em côro,
 com um som nasal e melancolico:

Foge d'ahi
 Ó Kiangi!
 Que dos humanos o luto
 Entre ambos se pactuou.

E o calmon continuava a voltejar. De repente deu
 um salto, que parecia uma cavilha que se desmon-
 tava; o principal feiticeiro debruçou-se sobre elle,
 como se quizesse ver alguma cousa no fundo, e de-
 pois de ter olhado por alguns momentos, continuou
 a dizer na cantarola em que tinha começado:

Vejo mui lesto leom
 Saltar sem ser presentido...
 Surge da terra um *lançom*,
Lançom de morte estendido.
 Dous vultos ao lado *estom*,
 Sôa de baixo um gemido...
 Foge d'ahi
 Ó Kiangi.
 Temos sangue no *calmon*
 Da morte foi um mordido.

E o côro a repetir na mesma musica:

Foge d'ahi
 Ó Kiangi;
 Pois ha sangue no calmon
 Da morte foi um mordido.

E o calmon andava de roda como um pião que
 vae enfraquecendo no seu giro: ouvem-se uns estal-
 los, iguaes aos que daria se rachasse pela acção do
 sol. O feiticeiro ergue a cabeça como se quizesse
 olhar para Bissau por cima das arvores; e canta

N'aquelle *cabo*; traz! traz!
 O ribombo faz-se ouvir.
 Sobre a cabeça verás
 Um *machete* refulgir;
 E d'um tribu encontrarás
 Fracos restos a fugir...
 Fica-t'ahi
 Ó Kiangi.
 Rei José o que farás
 Nos tempos que *hom de vir*?

E o côro dos feiticeiros a repetir como um echo:

Fica-t'ahi
 Ó Kiangi.
 Rei José que mal farás
 Nos tempos que *hom de vir*.

O calmon tinha-se voltado: a agua que continha
 estava derramada pelo chão, parte d'ella abrilhan-
 tada por uma restea da lua que lhe dava em cheio,
 a outra parte obscurecida por a ter embebido a ter-
 ra, fóra do raio argenteado do facho da noute. O
 feiticeiro parece descontente; depois de algum tem-
 po de silencio continua com a sua musica monotona:

Na *tabanca* bambolea
 De brancos o *lançom* pufo,
 Depois áquelle derreia
 Outro que é meio-escuro.
 Do papel se arreceia,
 Que já não está seguro...
 Pobre de ti
 Ó Kiangi!
 Nos braços uma cadeia,
 Ao pescoço um ferro duro...

O côro repete com voz ainda mais sepulchral:

Pobre de ti
 Ó Kiangi.
 Tens nos pulsos a cadeia;
 Ao pescoço o ferro duro.

E vão-se retirando lentamente por entre as arvo-
 res do bosque.

Poucos momentos eram passados, e já na clareira
 não havia nenhum ente vivo senão Kiangi, e as suas
 companheiras, que estavam aterradas.

—Que me importa o mal que me póde acontecer
 a mim, dizia esta, comtanto que o meu filhinho não
 soffra nada, e que lhe fique seu pae, o meu Ondotó,
 para o proteger, e... para me chorar. Os feiticeiros
 não fallaram d'elle, não é assim?

—Nós não percebemos que fallassem d'elle.

—Oh! tanto melhor...

E a pobre pretinha chorou, mas realmente as suas
 lagrimas não lh'as arrancava nenhum interesse pes-
 soal sobre si; chorava á lembrança do que Ondotó
 soffreria, quando ella já não vivesse, chorava de sau-
 dades por seu filho.

Ó mulher! como és heroica no teu amor! como és
 respeitavel quando virtuosa!

Março de 1851.

J. M. DE SOUSA MONTEIRO.

EXPLORAÇÃO DO INTERIOR D'AFRICA (1).

I.

OS POVOS MARAVES.

Para completar a descripção dos costumes dos po-
 vos maraves resta-nos apenas dizer o que seja o *muave*.
 Como em outro logar asseveramos, não têm os
 maraves legislação escripta; a sua jurisprudencia re-
 duz-se a uma serie de praticas absurdas, resentindo-
 se muitas vezes da indole feroz d'este povo, e da sua
 crassa ignorancia. Uma das provas mais decisivas
 nos seus juizos é a do *muave*, quasi sempre reserva-
 da para os accusados do crime de feitiçaria.

Antes de tomar o *muave* é o réu conduzido para
 uma nhumba, e vigiado ahi com todo o cuidado des-
 de o sol posto da vespera do dia em que hade ser
 julgado; sendo-lhe em todo este tempó prohibido
 comer. Entretanto vae o ganga buscar o *muave*, que
 é a casca de uma certa arvore, e depois de a ter pi-
 zado, deixa-a de infusão até á madrugada seguinte,
 em que põe tudo a ferver n'um logar publico. De or-
 dinario o vaso em que se prepara o *muave* leva umas
 oito a doze canadas de liquido, de côr avermelhada.
 Prompto o *muave*, é conduzido o réu ao logar onde
 está o ganga. Este então, praticadas certas ceremo-
 nias, e protestando sempre o criminoso que a prova
 do *muave* o hade justificar, apresenta-lhe uma ga-

(1) Continuado a pag 236 do presente volume.

mella com parte do liquido contido no vaso, do qual o réu é obrigado a beber, em quatro dozes, até tres canadas! Concluida a operação, o infeliz começa a correr em torno do povoado, continuando n'este exercicio até que a bebida seja expulsada por cima ou por baixo. No primeiro caso reputa-se innocente, e toda a negraria, deitando-lhe farinha de milho pela cabeça, o acompanha á sua cabana com danças e folguedos. Os auctores do processo fogem, e até o proprio ganga toma quasi sempre a cautela de não apparecer por alguns dias.

No segundo caso, fogem os parentes ou amigos do réu, porque se suppõe que elle está criminoso, em lugar de farinha lançam-lhe cinza por cima da cabeça, e com pavorosos alaridos o vão fechar na nhumba d'onde saíra, guardando-o ali com todo o cuidado até o dia seguinte, no qual é queimado implacavelmente.

Algumas vezes, comtudo, é permittida a appellação, e o marave pede para tomar segunda vez o muave.

Diz o sr. Gamitto que ha outra especie de muave, a qual é mais usada no territorio Marave. Prepara-se do mesmo modo, e administra-se com as mesmas ceremonias, differindo sómente em ser tomado entre dous caminhos; um que vae dar ao tenge, o outro á povoação; e o réu diz na occasião em que toma o muave: Se sou culpado, o meu caminho é aquelle (apontando para o do tenge); e se o não sou, é est'outro (mostrando o da muzi). Toma então a bebida, e começa a correr em torno da povoação; se durante a corrida arroja o muave por qualquer das vias, é julgado innocente; mas se cae sem sentidos, julga-se provado o crime, e é conduzido á fogueira!

Eis o estado social e moral dos povos maraves. Poderá elle melhorar? Entendemos que pôde, e que o governo portuguez tem obrigação de empregar todos os esforços para que similhante situação não continue; porque é uma vergonha, e um perigo. Uma vergonha, porque dá a medida dos desvelo que tem merecido a civilisação dos povos que habitam as nossas vastissimas possessões; um perigo, porque, proximos aos nossos mal presidiados estabelecimentos, os maraves assustam e affugentam os habitantes que se occupam da lavoura ou do commercio com as suas continuadas depredações. Que se pôde esperar de taes vizinhos? Entre todos os meios que nos parece deverem empregar-se para reduzir estes barbaros, não conhecemos nenhum mais energico que a missão evangelica. Se o clero portuguez já não se abraza no mesmo zêlo que outr'ora, recorra o governo portuguez ao clero indiano, que tem menos a temer da influencia do clima, e pôde ali prestar grande serviço. Com uns ou com outros fundem-se missões, construam-se modestas igrejas, attrahia-se o gentio com bons termos, mostre-se a auctoridade forte, mas benevola, e ver-se-ha em poucos annos, que os fructos serão immensos para a religião, e para o paiz, compensando quaesquer sacrificios que se façam. Sem estes sacrificios indispensaveis, e encaminhados com a necessaria prudencia, não será para admirar que Portugal perca em breve todas as suas riquissimas e vastas possessões da Africa oriental.

JOÃO FRANCISCO ARAGO (1).

João Francisco Arago nasceu em Estagel (França) a 26 de junho de 1782. Aos dezeseite annos foi re-

(1) Veja o retrato d'este sabio no n.º 44 do vol. XI d'este semanario.

cebido na escola polytechnica; e passado um anno pôde conseguir pela sua alta capacidade ser nomeado ajudante do observatorio de Paris.

Em 1806 partiu para Hespanha com Biot, afim de continuar n'este paiz a medida do meridiano da França. Extraordinarias aventuras precederam o seu regresso á patria. Foi primeiro prezo e mettido em uma cidadella pelos mallorquinos; conseguindo escapar d'este perigo, caiu em poder de um corsario hespanhol que o conduziu a Rosas. Apesar de inculcar-se por mercador ambulante, metteram-no em um moinho de vento, depois no forte da Trindade, e a final nos pontões de Palamos, onde soffreu todos os horrores da fome. Posto em liberdade, foi levado a Argel, onde deveu ao consul de Dinamarca o escapar á escravidão. Sómente em 1809 conseguiu voltar a França; e no meio de tantas vicissitudes pudera, posto que com grande difficuldade, salvar os seus instrumentos, e os cadernos de observações.

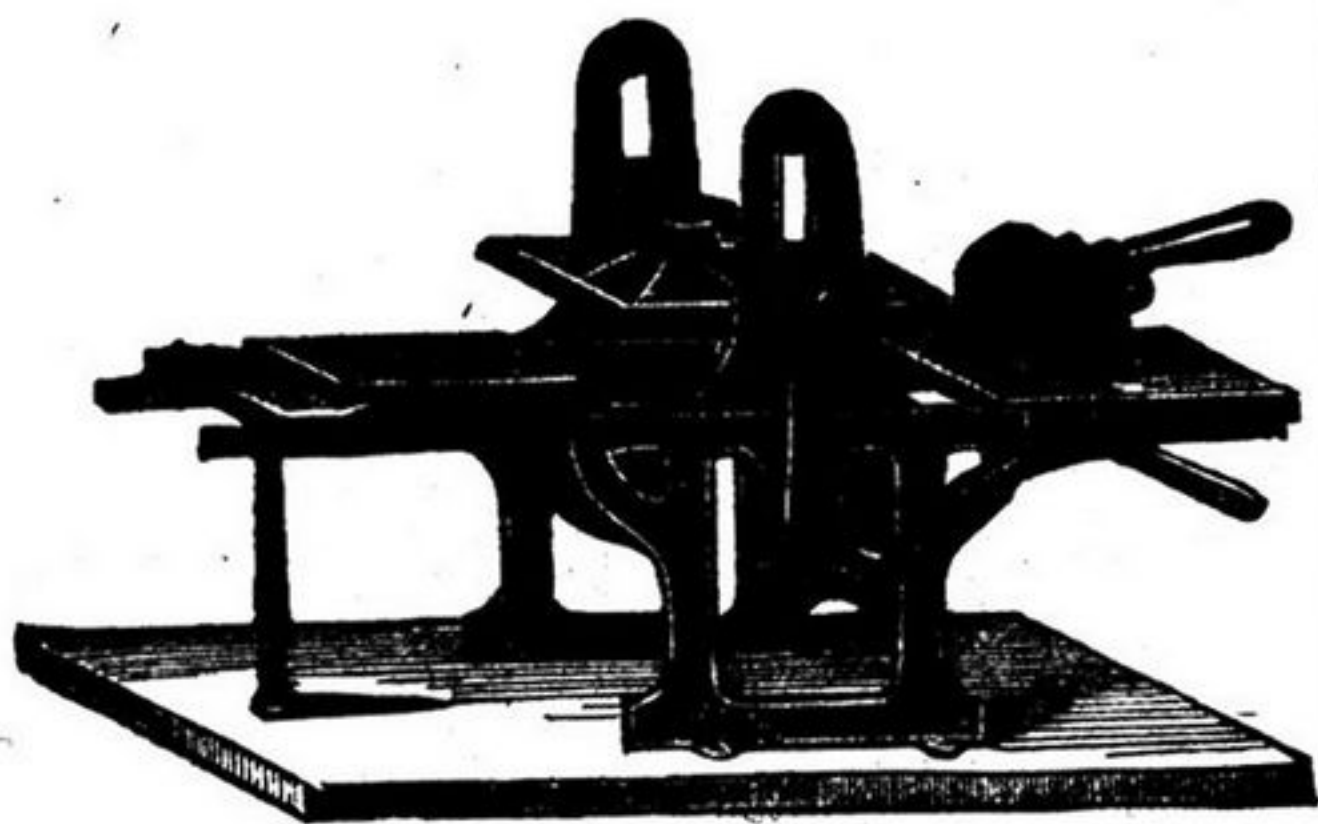
A 17 de setembro d'este mesmo anno F. Arago foi nomeado membro do academia das sciencias em substituição de Lalande. Em 1812 foi encarregado pela repartição das longitudes de estabelecer no observatorio um curso de astronomia, o qual continuou até 1845. Lente da escola polytechnica ali professou successivamente cinco cursos differentes. A 7 de junho de 1830 foi eleito, por quasi unanimidade, secretario perpetuo da academia das sciencias, para substituir Fourier. Deputado em 1830, membro do conselho municipal de Paris, elevado pela revolução de 1848 ao governo provisorio e aos ministerios da guerra e da marinha, Arago conservou sempre um nome honrado, não descuidando um só momento os interesses da sciencia, aos quaes se consagrou até o derradeiro dia da sua vida. J. F. Arago morreu em 2 de outubro de 1853, na idade de 67 annos e 7 mezes.

Este sabio deixou grande numero de obras, que claramente revelam os seus eminentes dotes como homem de sciencia, e como estylista.

A USURA E A LEPROSA.

O peccado de usura e a enfermidade da lepra parecem-se em muitas cousas. A lepra chama-se cancro universal, porque por todo o corpo se vae estendendo, e todo o vae consumindo. A usura tambem é cancro universal, porque consome a honra, a saúde, a vida, as virtudes. Os leprosos têm a cara torva, carregada á similhança de leão; e por isso uma especie d'ella se chama *leontiasis*; e tal é a condição de um usurario, porque não attende á caridade com o proximo, senão o interesse proprio. Os leprosos cae-lhes o cabello, porque o humor excrementoso lhe roe as raizes, e em lugar d'elle, lhe nasce outro mui raro, subtil, á maneira de lâ podre. Sabido é, que nos cabellos são significados os pensamentos; e não pôde um ambicioso ter pensamentos bons, porque a copia dos affectos terrenos lhe tira a raiz d'elles, que é o temor e amor de Deus. O leproso tem o bafo corrupto, e por isso todos se afastam d'elle. O onzeneiro scandalisa com o seu procedimento, e ninguém o busca senão para remir sua vexação. A lepra é doença, que não pôde encobrir-se: a usura é vicio que logo se faz publico. A lepra pega-se aos vestidos e ás casas, e os consome e affeia: tambem a usura destroe as casas e familias, e as empobrece, despoja e affronta; porque *malè parta, malè ditabuntur*

BERNARDES. ESTIM. PRAT



PRELO PARA TIRAR PROVAS.

Nas nossas typographias, e mesmo nas do estrangeiro, as provas dos trabalhos de composição tiram-se de ordinario á mão, e por um methodo que é realmente muito imperfeito. Nas officinas mais vastas, e bem organisadas este objecto deve merecer toda a consideração; convindo haver um ou dous prelos constantemente empregados em tirar quaesquer provas, que então saem com toda a limpeza desejavel. Mr. Paulo Dupont, um dos mais instruidos typographicos que hoje existe em França, e que é proprietario em París de uma grande e a todos os respeitos excellente officina, não lhe parecendo conveniente distrahir os prelos usuaes para similhante applicação, inventou uma prensa especial, que apresentou na exposição universal finda, e a nossa gravura representa fielmente. Não é possível apreciar á vista d'ella da vantagem do objecto figurado; é de presumir, porém, que a intelligencia eminentemente practica do sr. Dupont conseguisse realisar um verdadeiro progresso. Aos homens competentes cumpre verificá-lo.

EPHEMERIDES HISTORICAS.

NOVEMBRO 19

- 1523—Elevação de Clemente VII ao pontificado.
 1840—Bloqueia a esquadra ingleza Cantão.
 20
 1840—Combate de Obligado, no Rio da Prata.
 21
 1806—Decreto de Napoleão relativo ao bloqueio continental.
 22
 950—Morte de Lothario, rei de Italia.
 23
 1700—Elevação de Clemente XI ao pontificado.
 24
 1813—Tomada de Amsterdam por Buřow.
 25
 1560—Morte do celebre almirante genovez Doria.
 26
 1741—Tomada de Praga pelos francezes.
 27
 1570—Morte do famoso escultor Sansovino.
 28
 1666—Derrota dos whigs pelos realistas perto de Edimburgo.
 29
 1780—Morte da imperatriz Maria Thereza.
 30
 1700—Carlos XII desbarata os russos em Narva.

DEZEMBRO 1

- 1640—Sacodem os portuguezes o jugo hespanhol.
 2
 1547—Morte de Cortez, conquistador do Mexico.
 3
 1551—Vencem os portuguezes o rei de Chambé.
 4
 1642—Morte do famoso cardeal de Richelieu.
 5
 1746—Levantamento de Genova contra os austriacos.
 6
 1492—Descoberta do Haití por Christovão Colombo.
 7
 1815—É fuzilado em París o marechal Ney.
 8
 1830—Morte de Benjamin Constant.
 9
 1608—Nasce Milton, auctor do *Paraizo Perdido*.
 10
 1796—Fundação da republica italiana.
 11
 1282—Exaltação ao throno do imperador grego Andronico.
 12
 1804—A Hespanha declara guerra á Inglaterra.
 13
 1546—Nasce o illustre astronomo Ticho-Brahé.
 14
 1515—Concordata entre Francisco I e Leão X.
 15
 37—Nasce o imperador Nero.
 16
 1653—Cromwell é proclamado protector da Inglaterra.
 17
 1819—Fundação da republica de Columbia.
 18
 1807—Alliança da Russia e da Inglaterra contra a França.
 19
 1638—Tomada de Brisach pelo duque de Saxe-Weimar.
 20
 69—Morte do imperador Vitellio.
 21
 1548—Espantosa victoria de D. João de Castro sobre o Hidalcão.
 22
 641—Os serracenos tomam e queimam Alexandria.
 23
 1832—Antuerpia (Anvers) entrega-se aos francezes.
 24
 1525—Morte do celebre D. Vasco da Gama.
 25
 1522—Tomada de Rhodes por Solimão I.
 26
 1771—Morte de Helvecio.
 27
 1707—Morte do famoso archeologo Mabillon.
 28
 1622—Morte de S. Francisco de Salles.
 29
 1356—Publicação da chamada *Bulla d'Ouro*.
 30
 70—Nascimento do imperador Tito.
 31
 1494—Entrada de Carlos VIII em Roma.